

# **Crise e reconfiguração do capitalismo global: retrocesso estrutural das economias latino-americanas e ascensão do Leste Asiático em um contexto de crise de hegemonia dos EUA**

Francisco Luiz Corsi<sup>1</sup>

## **Resumo:**

O presente artigo discute a evolução das economias latino-americanas e das do Leste asiático no contexto de reconfiguração do capitalismo a partir da crise estrutural dos anos 1970. No novo contexto, Os países latino-americanos devido a diversos fatores não conseguiram inserirem-se de forma dinâmica no capitalismo global, enquanto os países em desenvolvimento do Leste asiático, em particular a China, tornaram-se novos polos de acumulação de capital, o que sugere o deslocamento do centro dinâmico da acumulação para a Ásia

**Palavras-Chaves:** Capitalismo Global, Crise, Reconfiguração Espacial, Periferia

## **1 –Introdução**

O objetivo do presente artigo é realizar uma discussão da reconfiguração do capitalismo a partir da crise estrutural da década de 1970, em especial da nova divisão internacional do trabalho resultante da reestruturação do modo de produção. O texto expressa uma pesquisa ainda em curso. Portanto, apresenta resultados preliminares. A preocupação principal é discutir as vias de desenvolvimento da América Latina e da Ásia. A questão que motivou a pesquisa consistia em entender, de um lado, o crescente peso e o dinamismo das economias do Leste asiático nas últimas três décadas, e de outro, o baixo crescimento e a inserção pouco dinâmica da América Latina no capitalismo global.

Discrepâncias no ritmo de acumulação de capital é uma característica do sistema capitalista. No período que vai da crise dos anos 1970 até hoje, observa-se, de modo geral, taxas bastante dispares de crescimento econômico entre as várias regiões do mundo, o que reafirma a tendência de desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. A China, em um curto espaço de tempo transformou-se na segunda economia mundial, crescendo entre 1980 e 2010 cerca de 10% ao ano. Enquanto que a América Latina viveu, até 2003, um período de baixo crescimento, forte instabilidade e acentuada vulnerabilidade externa.

Esta tendência de desenvolvimento desigual é fruto de determinações profundas da própria dinâmica da acumulação do capital. O comportamento recente da economia mundial não pode ser atribuído apenas as políticas neoliberais adotadas nas últimas três décadas por um grande número de países, por mais que estas políticas tenham fomentado o capital financeiro e a especulação. Resulta, em grande medida, da reestruturação da economia mundial em resposta a crise dos anos 1970, que gerou um padrão de acumulação marcado pela dominância do capital financeiro, pela crônica instabilidade e pela formação de novos polos de acumulação.

## **2- Crise estrutural e reconfiguração espacial do capitalismo**

A crise de superprodução dos anos 1970 abriu uma fase de reestruturação do capitalismo que abarcou o conjunto da economia mundial. Interessa aqui discutir o impacto desse processo para a periferia e para a distribuição espacial da acumulação de capital. Contrastado com o período 1950-1973, caracterizados

---

<sup>1</sup> Professor de Economia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

por altos índices de crescimento (Hobsbawm, 1995), seguiu-se uma fase de baixo e desigual crescimento, que se estendeu até 2003<sup>2</sup>.

A crise estrutural dos anos 1970 resultou da sobreposição de múltiplos processos. De grande importância foram a crise de superprodução e a falência do padrão monetário internacional. Também se destaca a agudização das lutas de classe entre meados dos 1960 e meados da década seguinte. A derrota dos EUA no Vietnã e do avanço de movimentos e governos nacionalistas, socialistas e fundamentalistas na periferia do sistema foram outros fatores. A hegemonia dos EUA estava em crise. A crise energética foi outra relevante determinação da crise estrutural ao colocar fim ao período de energia relativamente barata<sup>3</sup>.

Um dos desdobramentos centrais da crise estrutural foi a reestruturação do capitalismo, que abarcou múltiplos aspectos. No centro do sistema, observou-se o paulatino desmonte do Estado de Bem-estar Social. As políticas keynesianas entraram em crise. Os gastos públicos voltaram-se sobretudo para sustentar a valorização do capital financeiro, em especial por meio da ampliação da dívida pública. As economias nacionais, sob o comando de políticas neoliberais de diferentes matizes, passaram por um amplo processo de abertura comercial e financeira. Os Estados nacionais perderam boa parte dos controles sobre os fluxos de capital, o que reduziu a capacidade deles adotarem políticas visando o pleno emprego.

A abertura das economias nacionais e de expansão dos mercados de títulos, moedas e ações de âmbito global levaram o capital financeiro a envolver todo o sistema. Verificou-se um crescente inchaço da esfera financeira, particularmente no centro do sistema. De acordo com Chesnais (2005), os lucros não acumulados das empresas transnacionais, as rendas da terra e as derivadas da exploração de recursos naturais, os juros provenientes do pagamento das dívidas externas dos países em desenvolvimento e as poupanças centralizadas pelos fundos de pensão e pelos fundos mútuos alimentam continuamente a esfera financeira, ao que se soma a própria reaplicação dos rendimentos auferidos na especulação financeira. O resultado é o domínio dessa fração do capital sobre as demais. A dinâmica do capitalismo passou a ser, em parte, ditada pelos interesses desse capital, o que teve consequências não só para o nível de acumulação no centro como também para vastas áreas da periferia. Como a América Latina, que foi envolvida pela especulação e isto foi uma das principais causas da instabilidade financeira e econômica da região nas décadas de 1980 e 1990.

Outros desdobramentos fundamentais da crise estrutural foram a reestruturação produtiva e a reconfiguração espacial do capitalismo. Como resposta a crescente contestação da classe trabalhadora e as quedas das taxas de lucro desencadeou-se um processo de reestruturação produtiva, que teve papel importante para disciplinar os trabalhadores e para a recomposição da taxa de lucro. A introdução de novas tecnologias, que poupam trabalho e aumentam a produtividade, e de novas formas de organizar a produção, que implicam processos flexíveis de produção, elevação do desemprego e vínculos variados e relativamente frouxos entre capital e trabalho, foram centrais para fragmentar a classe trabalhadora, enfraquecer os sindicatos, comprimir os salários e precarizar as condições de trabalho em geral. O aumento da oferta de trabalho nessa região também contou com a contribuição de larga imigração de trabalhadores de todas as partes do mundo. O ataque aos direitos dos trabalhadores e a reestruturação produtiva só foram possíveis em virtude da elevação do desemprego, da burocratização dos partidos de esquerda e dos sindicatos, da extensa fragmentação ideológica e de interesses da classe trabalhadora, do fracasso do reformismo, da desilusão com o socialismo e do posterior desmoronamento da URSS (Corsi, 2009).

Ao mesmo tempo, observa-se crescente internacionalização da produção. O capital buscou, em um contexto de concorrência cada vez mais acirrada e queda dos lucros, incorporar novos espaços de

---

<sup>2</sup>Sobre o desempenho da economia mundial ver, entre outros, Chesnais (1996 e 2006) e Gonçalves (2002).

<sup>3</sup> Dado os limites do presente artigo, não será possível aprofundar as discussões e os desdobramentos da crise dos anos 1970. Nosso foco é a reconfiguração espacial do capitalismo.

acumulação. Espaços onde tivesse ao seu dispor mão-de-obra barata, qualificada e disciplinada e altas taxas de lucro. Essa expansão só foi possível em virtude da abertura comercial e financeira das economias nacionais, da diminuição dos preços de transportes e do desenvolvimento das comunicações. Eventos que possibilitaram as matrizes das empresas transnacionais coordenar e controlar processos globais de produção e distribuição, cujas fases encontram-se espalhadas geograficamente. Por meio de variados contratos e subcontratos de empresas em rede, as empresas transnacionais disseminaram processos produtivos pelas economias nacionais. (Basualdo e Arceo, 2006).

Esse processo também colocou em competição os trabalhadores do centro com os da periferia, que ganham salários bem mais baixos, o que pressiona o salário para baixo no conjunto da economia mundial. Existe em escala global um excedente enorme de força de trabalho disponível para o capital. Restrução produtiva e realocação espacial de inúmeros segmentos produtivos em direção à periferia consistem processos intimamente articulados. O conjunto dessas ações foi fundamental para retomada da rentabilidade.

Os impactos na periferia do sistema capitalista foram imensos e muito desiguais. Apesar dos processos de industrialização de inúmeros países periféricos datarem de período anterior, a nova configuração do capitalismo abriu, de um lado, novas possibilidades de desenvolvimento, particularmente para os países em desenvolvimento da Ásia, e, de outro, contribuiu para uma fase de estagnação econômica, crise social e instabilidade para vastas áreas da periferia, sobretudo na América Latina e na África. Uma das consequências desse processo, foi a abertura de novas oportunidades de penetração de produtos manufaturados provenientes da periferia nos mercados dos países desenvolvidos. Nesse aspecto, a mudança da inserção da periferia na economia mundial foi sensível. Em 1960, os manufaturados representavam 7% do total de suas exportações, em 1980, 20% e atualmente cerca de 70%. Delineia-se uma nova divisão internacional do trabalho (Basualdo e Arceo, 2006; Carneiro, 2007).

Esse processo, que levou a realocação regional de vários segmentos produtivos em direção à Ásia, foi induzido pela busca incessante de valorização do capital. Esta região ganharia peso crescente e redesenharia espacialmente o capitalismo.

Do ponto de vista das condições externas, o forte crescimento do Leste asiático também não pode ser visto de forma desassociada do papel do Japão e dos EUA na região e dos percalços da hegemonia norte-americana. Desde o fim da II Guerra e com a guerra fria os EUA tiveram importante papel na recuperação da economia japonesa e no desenvolvimento de outros países, em especial da Coreia do Sul. Não é possível entender o rápido e robusto crescimento coreano sem os aportes de capital e as facilidades comerciais proporcionadas por motivos estratégicos e políticos pelos EUA. A própria abertura da China para o ocidente teve início quando os EUA, derrotados no Vietnã, buscaram aproximar-se política e comercialmente dos chineses com o objetivo fortalecer sua posição ante a URSS (Coutinho, 1999; Medeiros, 1997 e 2006).

A atuação japonesa no Leste asiático foi também de grande importância nos difíceis anos 1980. Quando a crise das dívidas externas se abateu sobre a periferia, denotando a enorme dependência financeira dos países em desenvolvimento, a situação dos países do Leste asiático não foi, em parte, tão dramática quanto a dos latino-americanos em virtude da manutenção das linhas de financiamento externas, em particular das japonesas, o que contribuiu para a manutenção do crescimento econômico. Logo em seguida, a ação do Japão também foi importante na expansão e modernização do setor industrial na região. A partir da valorização do yen em decorrência do chamado Acordo do Plaza, em meados dos anos 1980, as grandes corporações japonesas passaram a investir pesado no Sul e Leste da Ásia, transferindo tecnologia e desenvolvendo inúmeras plantas industriais nesta região e estabelecendo variados contratos de terceirização da produção (Medeiros, 1999). Também contribuiu para esse processo o esgotamento das reservas de força de trabalho no Japão.

Entretanto, é incorreto atribuir apenas às transformações estruturais na economia mundial o avanço recente das economias do Leste asiático. Esse processo também é determinado pelas correlações de forças

entre as classes, pelas lutas de classe, pela natureza do Estado e de suas instituições, pelas transformações internas, pelos projetos nacionais e pelas políticas de desenvolvimento, que são de suma importância para entendermos a evolução recente dessa região.

Vários países asiáticos, como a Coreia do Sul e Taiwan, que vinham seguindo projetos de desenvolvimento calcados nas exportações de produtos manufaturados desde os anos 1960, lograram graças a uma série de peculiaridades históricas nacionais inserirem-se de maneira dinâmica no processo de mundialização do capital<sup>4</sup>, aproveitando “brechas” existentes na economia mundial para se desenvolverem articulados dinamicamente as novas linhas de expansão do capitalismo global. Esta trajetória se mostraria inalcançável para a maior parte da periferia, que viveu diversos momentos de instabilidade, crise econômica e social. Muitos países periféricos apresentaram uma inserção que Gonçalves (2002) denomina de passiva na economia mundial. Este foi o caso, por exemplo, de vários países da América Latina, que foram capturados pela especulação financeira global e passaram a tender a inserir-se na economia mundial, cada vez mais, como produtores de produtos primários<sup>5</sup>.

Os países que seguiram estratégias de desenvolvimento voltadas para as exportações, até o final dos anos 1970, não tinham, de modo geral, um desempenho econômico claramente superior aos que seguiram o projeto de industrialização via substituição de importações, embora essa via de desenvolvimento já enfrentasse vários impasses desde os anos 1960, em parte decorrentes das transformações em curso na economia mundial que começavam a fechar espaços para projetos de desenvolvimento voltados para o mercado interno após a retomada da internacionalização das grandes empresas norte-americanas, europeias e japonesas e do contínuo fortalecimento do capital financeiro. Uma comparação entre o desempenho econômico do Brasil e o da Coreia, nesse período, denota em termos de crescimento certo equilíbrio entre os dois modelos (Coutinho, 1999). Porém, na atual configuração do capitalismo global, com economias nacionais bastante abertas, alguns países do Leste asiático apresentaram condições econômicas e políticas que possibilitaram uma rápida adaptação às transformações em curso na economia mundial e um salto qualitativo em suas economias.

Em linhas muito gerais, os países em desenvolvimento da Ásia, não obstante as profundas peculiaridades históricas, econômicas, políticas, sociais e culturais, adotaram projetos de desenvolvimento inspirados no modelo japonês, cujas principais características são as seguintes: ampla ação estatal na economia, estratégias de crescimento voltadas para as exportações e uso intenso de modernas tecnologias. Somam-se nesses países a grande oferta e a superexploração da força de trabalho. Padrão de desenvolvimento que inicialmente abarcou os chamados tigres de primeira geração (Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong) e depois alcançou com diferenças importantes outros países da região, como Malásia, Tailândia e Indonésia, no que Palma (2004), entre outros, denominou do padrão de desenvolvimento dos “gansos voadores”.

O intenso crescimento a partir de certo estágio, levou os chamados tigres de primeira geração a adotarem políticas econômicas expansionistas, semelhantes a do Japão, em relação aos seus vizinhos menos desenvolvidos. Dessa forma, consolidou-se uma economia regional, embora fortemente hierarquizada, bastante dinâmica (Medeiros, 1997, p. 291).

Apesar de inserida nesse processo histórico, a trajetória chinesa por suas peculiaridades marcantes e importância crescente merece algumas palavras.<sup>6</sup>O crescente peso político e econômico da China foi,

---

<sup>4</sup>No escopo do presente artigo não é possível desenvolver esse ponto. A esse respeito ver, entre outros, Fiori (1999) e Corsi (2007).

<sup>5</sup>Não é possível desenvolver este ponto nos limites do presente texto. Ver a respeito Basualdo e Arceo, 2006.

<sup>6</sup>Fugiria do escopo do presente capítulo uma discussão detida sobre esse ponto. O ponto de partida do processo de transição para o capitalismo na China parece ser a constatação por parte da liderança do Partido Comunista Chinês (PCC) dos enormes obstáculos para implantar o socialismo. Percepção que deve ter sido reforçada após a queda do Muro de Berlim e, sobretudo, do colapso da URSS. A modernização passou a ser encarada como uma questão vital para sobrevivência política do próprio PCC e do regime e isso implicava profundas reformas econômicas e sociais e maior articulação com a economia mundial. Forças armadas modernas exigiam uma economia dinâmica e tecnologicamente avançada. Além disso,

pelo menos em parte, resultado não esperado da reestruturação capitalista, que buscou, entre outros, pontos, novos espaços de acumulação e força de trabalho abundante e barata, e da estratégia norte-americana de recompor sua hegemonia então ameaçada nos anos 1970, o que levou os EUA abrirem caminhos para a reinserção chinesa na economia mundial. O Japão também não esperava que um dos efeitos colaterais de sua política de responder as pressões norte-americanas contribuísse para a consolidação de um competidor formidável, que acabou por se tornar o centro político e econômico da região.

A partir do final dos anos 1970, a China trilhou uma via própria de transição para o capitalismo, que ainda está em curso e cujo resultado é incerto. A revolução Chinesa revelou-se muito mais como uma revolução nacional, pautada por um projeto nacional que tem por objetivo, indícios sugerem, transformá-la em grande potência com pretensões imperiais.

A China de forma impressionante, em curto espaço de tempo, deslocou o Japão como centro da economia regional e se projetou como um dos centros da economia global. A projeção chinesa transcende o aspecto econômico e tem largas implicações políticas e militares. A China desfruta de uma autonomia, conferida pelo seu poderio bélico, que o Japão não teve no período recente. A base dessa trajetória reside no amplo programa de reformas capitalistas em sua economia implementados a partir do final dos anos 1970 e cujos principais pontos são os seguintes: reintrodução da propriedade privada; mercantilização da força de trabalho; recolocação do mercado como nexos da economia a partir do momento em que os preços nele formados passaram a ser determinantes na alocação de recursos e de mão-de-obra, em que pese as interferências estatais nesse processo; estímulos à agricultura familiar; privatização de inúmeras empresas estatais; pesados investimentos em infra-estrutura; abertura controlada para o capital estrangeiro; formação de grandes grupos nacionais com base em empresas estatais, o que consiste em um dos instrumentos que confere ampla margem de ação do Estado na economia; agressiva política exportadora e controle de variáveis chave da economia: juros, câmbio e crédito. As reformas engendraram múltiplas contradições, expressas na forte concentração da renda, na super-exploração da força de trabalho, em acentuados desequilíbrios regionais e na degradação ambiental. Do ponto de vista do crescimento econômico, essas reformas, que levaram a economia chinesa a crescer cerca de 10% desse o início dos anos 1980, foram um sucesso.

Esse processo, que tronou a China e outros países do Leste asiático uma nova fronteira de expansão capitalista, um espaço aberto para ampla valorização do capital, se deu, segundo Belluzzo (2005), a partir de certa simbiose com a economia norte-americana, que continua determinando a dinâmica da economia mundial. O polo dinâmico de acumulação na Ásia continua subordinado à dinâmica do capital financeiro hegemônico no centro do sistema, como ficou evidente na crise de 1997. Embora subordinado ao capital financeiro, esse polo dinâmico sustenta-se em capitalismo nacionais. Mas essa subordinação parece perder força mais recentemente com o baixo dinamismo do centro desenvolvido do sistema e com a crise atual.

O crescente peso da China na economia mundial está contribuindo para redefinir a divisão internacional do trabalho particularmente depois de 1997. Na Ásia, ela se tornou um importantíssimo mercado de máquinas, equipamentos e componentes que exigem alta tecnologia para o Japão e principalmente para a Coreia do Sul e, em menor grau, para Taiwan. Esses fluxos comerciais estão intimamente vinculados aos IED, sendo, em parte, fluxos intrafirmas. Em 2003, a China tornou-se o principal mercado para as

---

crescimento econômico acelerado seria um mecanismo importante de aplacar os descontentamentos sociais. Porém, a liderança do PCC avaliava que o processo de transição não poderia seguir a estratégia soviética de rápida transição, considerada a responsável pelo colapso da URSS. A transição deveria ser lenta e controlada, o que implicava manter o regime político e o monopólio do PCC (Medeiros, 2008) Ver a respeito do desenvolvimento da China e do Leste e Sul da Ásia o seguinte: Arrighi (1997, 2008), Belluzzo (2005), Gonçalves (2002), Gray (1999), Medeiros (1997, 1999, 2004, 2006, 2008 e 2010). Utilizamos amplamente esses textos neste e nos parágrafos que se seguem.

exportações coreanas, deslocando os EUA dessa posição. O saldo comercial coreano depende, cada vez mais, das importações chinesas de equipamentos eletrônicos e de telecomunicações, produtos têxteis, produtos químicos e de máquinas. Enquanto a Coreia importa sobretudo matérias-primas e bens de consumo. A China também desenvolve uma competição acirrada com os 10 países da ASEAN (Associação dos Países do Sudeste Asiático, cujos principais representantes são: Filipinas, Indonésia, Tailândia, Malásia, Singapura e Vietnam). Os produtos chineses ganharam boa parte dos mercados externos de bens de consumo e de componentes de bens de tecnologia da informação desses países. O México também sofreu com esta competição acirrada. O efeito negativo da concorrência chinesa foi compensado, em parte, pelas importações chinesas de alimentos, petróleo, cobre algodão etc. Esses países estão sob forte pressão e correm o risco de involução estrutural de suas economias, como a América Latina, onde esse processo já vinha ocorrendo, mas por outras razões. No geral, o crescimento do mercado interno chinês estimula as exportações asiáticas, seja diretamente para a China ou indiretamente para o Japão e a Coreia do Sul, que estão crescendo, em boa medida, graças aos efeitos dinâmicos das exportações de máquinas e equipamentos para aquele país (Medeiros, 2006).

Um dos trunfos da China é sua autonomia na definição da política econômica, que é um dos elementos que a faz um dos centros dinâmicos da economia mundial. Não obstante as pressões dos países desenvolvidos, em particular dos EUA, e dos organismos internacionais, ela não permitiu a valorização substantiva de sua moeda. Tem mostrado capacidade de utilizar o investimento público como instrumento chave de políticas anticíclicas, neutralizando os efeitos negativos das crises internacionais sobre seu crescimento econômico, como na crise atual, quando adotou medidas para fortalecer o mercado interno, dentre as quais um pacote de cerca de 750 bilhões de dólares voltado sobretudo para a expansão da infraestrutura. O seu sólido balanço de pagamentos e suas elevadas reservas são peças fundamentais para a manutenção do grau de autonomia que desfruta hoje no cenário mundial.

A América Latina está sendo atraída pela força gravitacional da China e cada vez mais se insere como exportadora de commodities e bens manufaturados de baixo valor agregado na economia mundial. Observa-se um processo de reprimarização das exportações da região<sup>7</sup>. Este comportamento das exportações latino-americanas coincide com ascensão do Leste asiático, em particular da China, como novo centro dinâmico da acumulação de capital em escala mundial. Paralelamente, observa-se uma queda do peso da indústria no PIB da região<sup>8</sup>. A retomada de um crescimento mais vigoroso e a melhora de vários indicadores sociais a partir do avanço de governos de centro-esquerda e de uma fase de ascensão do ciclo da economia mundial, verificado entre 2003 e 2008, não parece ter conseguido alterar essa situação. A China está criando uma vasta periferia para suprir suas crescentes necessidades de energia, alimentos e matérias-primas.

A ascensão da Ásia questiona a hegemonia norte-americana. O retrocesso econômico dos EUA tende a erodir sua posição hegemônica e abrir espaço para um mundo multipolar. Este processo não é fruto de determinações profundas da própria dinâmica da acumulação de capital. A crise estrutural do modo de produção capitalista aberta em 2008, que aparentemente acentua a decadência da Europa e dos EUA, tende a aprofundar esses processos, embora não possamos ainda precisar os rumos que o capitalismo tomará em decorrência da crise. O crescente peso da economia chinesa e a tendência de crescimento modesto dos países desenvolvidos, que parece reforçada pela atual crise, coloca como possível o

---

<sup>7</sup>No início dos anos 1980, as exportações da região estavam concentradas em produtos primários e manufaturados de baixa intensidade tecnológica, que representavam 77% do total exportado. No final da década seguinte, a situação tinha se alterado, a região exportava, sobretudo, produtos manufaturados, cerca de 55% das exportações. A situação inverteu-se novamente na década de 2000. Observa-se o crescimento das exportações de produtos primários, que alcançaram a cifra de 59%. Por outro lado, a participação nos setores de alta tecnologia, que têm alcançado as mais altas taxas de crescimento no comércio internacional, é modesta (CEPAL, 2010, p. 13).

<sup>8</sup> A participação do setor industrial no PIB da América Latina caiu 30% entre 1975 e 2000, acompanhando a queda da participação da região na produção industrial da periferia, que foi de 37% para 26% no mesmo período. As exportações em relação ao PIB da região subiram de 11,6% para 23,7% entre 1975 e 2003 (Basualdo e Arceo, 2006, p. 53-54).

rompimento, ou pelo menos o enfraquecimento, da forte articulação entre os EUA e as economias em desenvolvimento da Ásia, que tanto se beneficiaram dessa relação. Todavia, a China, ou qualquer outro país asiático, não parece ter condições de tornar-se, a curto ou médio prazo, o novo centro hegemônico. Isto não resulta apenas do peso da economia. Depende também da liderança política, ideológica, cultural e militar. Seja como for, a hegemonia dos EUA parece estar em questão.

### 3- Considerações finais

A ascensão das economias do Leste asiático nos últimos 30 anos não pode ser compreendida fora do contexto internacional em que se insere. As profundas transformações no capitalismo a partir da crise estrutural da década de 1970 abriram possibilidades de um salto qualitativo no desenvolvimento e uma inserção dinâmica na economia mundial para a região, em particular para a China, que se transformou, em um curto espaço de tempo, em uma nova fronteira de acumulação de capital e em um dos centros da economia mundial. Esse desdobramento não era um resultado esperado pelos principais agentes desse processo. Esse resultado também dependeu, sem dúvida, dos projetos nacionais e das políticas de desenvolvimento implementadas pelos países da região. Para a maior parte da periferia, entretanto, este caminho mostrou-se inatingível.

A América Latina manteve sua inserção predominante financeira na globalização e delineou-se a tendência de especialização de suas economias na produção de produtos primários e produtos manufaturados que utilizam grandes quantidades matérias-primas e possuem baixo conteúdo tecnológico. Ou seja, nos setores menos dinâmicos da economia mundial. Uma ordem internacional multipolar, que poderá ser um dos resultados da crise atual, com grande peso dos países asiáticos reforçará, indícios sugerem, uma inserção muito pouco dinâmica na economia mundial.

### 4 - Bibliografia:

ARRIGHI, G. (1997) - *A ilusão do Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2008) – *Adam Smith em Pequim*. Origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo.

BASUALDO, E. e ARCEO, E (2006) - *Neoliberalismo y sectores dominantes*. Tendencias globales y experiencias nacionales. Buenos Aires: CLACSO.

BELLUZZO, L. G. M. (2005) “O dólar e os desequilíbrios globais”. In: Revista de Economia Política. São Paulo: V.25, n. 3, jul-set.

\_\_\_\_\_ (2009) – *Os antecedentes da tormenta*. Origens da crise global. São Paulo: UNESP.

CARNEIRO, R. (2007) - “Globalização e integração periférica”. Textos para Discussão – IE/UNICAMP/126 (julho), p. 2-45. [www.eco.unicamp.br/publicacoes/texto\\_dese.html](http://www.eco.unicamp.br/publicacoes/texto_dese.html) (16/08/2007).

CEPAL (2010) – *Panorama de la inserción internacional de America Latina y Caribe*, [www.eclac.org](http://www.eclac.org) (11/09/2010)

CHESNAIS, F. (1996) – *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã.

\_\_\_\_\_ (2005) – *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo.

CORSI, F. L. (2006) – “Economia do capitalismo global: um balanço crítico do período recente”. In: ALVES, G.; GONZALEZ, J L; BATISTA, R L (orgs.) – Trabalho e educação. Contradição do capitalismo global. Maringá: Praxis.

\_\_\_\_\_ (2009) “Crise estrutural e reconfiguração do capitalismo global”. In: FIGARI, C. e ALVES, G. A P. (orgs.) – *La precarización del trabajo em América Latina*. Bauru: Prxis/Canal 6.

COUTINHO, L. (1999) - “Coréia do Sul e Brasil: paralelos, sucessos e desastres”. In: FIORI, J. L. (org.) - *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes.

FIORI, J. L. (org.) (1999) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2004) - *O poder americano*. Petrópolis: Vozes.

GONÇALVES, R. (2002) - *O vagão descarrilhado*. O Brasil e o futuro da economia global. Rio de Janeiro: Record.

GRAY, J. (1999) – *Falso amanhecer*. Rio de Janeiro: Record.

HOBSBAWM, E. J. (1995) - *A era dos extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das letras.

MEDEIROS, C. A (1997) “Globalização e a inserção diferenciada da Ásia e da América Latina”. In: TAVARES, M. C. e FIORI, J. L. (orgs.) – *Poder e dinheiro. Uma economia política da globalização*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2004) - “A economia política da internacionalização sob a liderança dos EUA: Alemanha, Japão e China”. In: FIORI, J. L. (org.) (2004) *O poder americano*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2006) – “A china como um duplo polo na economia mundial e a recentralização da economia asiática”. In: *Revista de Economia Política*. São Paulo, v. 2, n° 3, julho-setembro de 2006.

\_\_\_\_\_ (2008) – “Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China”. In: FIORI, J. K. ; MEDEIROS, C. H. e SERRANO, F. - *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_ (2010) “O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios”. In: *Observatório da economia global*, [www.eco.unicamp.com.br](http://www.eco.unicamp.com.br).

PALMA, G. (2004) – “Gansos voadores e patos vulneráveis: a diferença da liderança do Japão e dos Estados Unidos, no desenvolvimento do Sudeste Asiático e da América Latina”. In: FIORI, J. L. (org.) - *O poder americano*. Petrópolis: Vozes.